

# Maria Firmina dos Reis na Imprensa do Século

## XIX<sup>1</sup>

Keyla Patrícia da Silva Macena \*

<https://orcid.org/0000-0001-9107-6075>

Natanael Duarte de Azevedo \*\*

<https://orcid.org/0000-0003-1435-2923>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo expor um pouco da trajetória de Maria Firmina dos Reis na imprensa maranhense, na qual ela colaborou ativamente com contos, poemas, charadas etc. Para isso, o trabalho foi fundamentado, principalmente, em Barbosa (2007), Nadaf (2002), Souza (2020) e Zin (2019) e se divide em três partes, cujos focos são demonstrar a relação existente entre a literatura e os jornais, contextualizar como funcionava a imprensa no Maranhão e chegar até as contribuições dadas por Maria Firmina à imprensa local.

**Palavras-chave:** literatura e jornais. século XIX. Maria Firmina dos Reis.

### Maria Firmina dos Reis in the 19th Century Press

**Abstract:** The present article aims to expose a little of the trajectory of Maria Firmina dos Reis in the Maranhense press, in which she actively collaborated with short stories, poems, riddles, etc. To do so, the work was based primarily on Barbosa (2007), Nadaf (2002), Souza (2020), and Zin (2019), and is divided into three parts, whose focuses are to demonstrate the relationship between literature and newspapers, contextualize how the press worked in Maranhão, and arrive at the contributions given by Maria Firmina to the local press.

**Keywords:** literature and newspapers. 19th century. Maria Firmina dos Reis.

### Maria Firmina dos Reis en la prensa del siglo XIX

**Resumen:** El presente artículo tiene como objetivo exponer un poco de la trayectoria de Maria Firmina dos Reis en la prensa maranhense, en la que colaboró activamente con cuentos, poemas, acertijos, etc. Para eso el trabajo se basó principalmente en Barbosa (2007), Nadaf (2002), Souza

<sup>1</sup> Este estudo é fruto do Mestrado em Estudos da Linguagem (PROGEL/UFRPE), que foi possibilitado pela bolsa da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

\* Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Pós-graduada em Literaturas Infantil, Juvenil e Brasileira e Licenciada em Letras pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: [keylamacena@gmail.com](mailto:keylamacena@gmail.com).

\*\* Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Doutor e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: [natanel.azevedo@ufrpe.br](mailto:natanel.azevedo@ufrpe.br).



(2020) y Zin (2019), y se divide en tres partes, cuyos enfoques son demostrar la relación existente entre la literatura y los periódicos, contextualizar cómo funcionaba la prensa en Maranhão y llegar a las contribuciones dadas por Maria Firmina a la prensa local.

**Palabras-clave:** literatura y periódicos. siglo XIX. Maria Firmina dos Reis.

## Introdução

Maria Firmina dos Reis não só foi a primeira romancista negra do Brasil, como colaborou durante vários anos com jornais maranhenses, demonstrando ser uma autora multifacetada cuja produção caminha entre romance, contos, poemas, cantos *etc.*, o que propiciou um reconhecimento da sociedade letrada ainda em vida.

Contudo, a vida da escritora não foi fácil, pois, além de ser uma mulher negra num país cujo sistema econômico apoiava-se na escravidão, ela também não fazia parte de uma família rica. Ainda assim, “[...] experimentou diversas formas de expressão, da poesia à música popular. Compôs letra e música à tradição do bumba-meu-boi e um hino à libertação dos escravos, para comemorar o Maio de 1888” (Farias, 2020, p. 38). E foi nos jornais maranhenses que Maria Firmina dos Reis encontrou espaço para publicar suas mais diversas produções.

Assim, o artigo tem como objetivo abordar um pouco da trajetória da escritora maranhense com foco em suas publicações nos periódicos oitocentistas. Para isso, o trabalho foi fundamentado, principalmente, em Barbosa (2007), Nadaf (2002), Souza (2020) e Zin (2019), a fim de se compreender qual a relação existente entre os jornais e a literatura no século XIX e compreender a aproximação de Firmina com a imprensa, seja na forma de colaboradora ou de mencionada por outros autores.

Estudar a obra e a vida de Maria Firmina dos Reis a partir do seu percurso nos impressos é de grande relevância, visto que há uma ligação estreita entre a literatura e os jornais, como afirma Barbosa (2007), ademais, “[...]. a história literária do Brasil ganharia pelo menos 10 anos, se se escrevesse tomando para referência os jornais e não os livros”, como defende Sobrinho (1960, p. 15 apud Barbosa, 2007, p. 23), com o intuito

de demonstrar como os estudos literários seriam enriquecidos ao valorizar também as publicações em jornais e não somente as publicações posteriores no formato de livro .

Desta forma, o artigo está dividido em três partes. A primeira refere-se à presença de textos literários nos jornais que circulavam no Brasil do século XIX; a segunda tem como enfoque a imprensa no Maranhão oitocentista; por fim, na terceira parte, após contextualização fornecida pelos tópicos anteriores, discutimos brevemente sobre a presença de Maria Firmina na Imprensa, seja como colaboradora de periódicos ou como figura merecedora de divulgação e de agradecimento por parte desses jornais.

Assim, esperamos que este artigo possa contribuir com os estudos sobre Maria Firmina dos Reis, visto que o enfoque não está no romance *Úrsula* ou em outros textos de maior repercussão, mas no percurso trilhado pela autora nos periódicos maranhenses do século XIX, nos quais colaborou ativamente, contribuindo para a cultura letrada local.

### **Literatura nos jornais**

Na primeira metade do século XIX, não era permitido o funcionamento de tipografias no Brasil, de forma que o primeiro jornal brasileiro, o *Correio Brasiliense*, foi publicado em Londres, no ano de 1808, ainda que houvesse já uma imprensa clandestina (Zilberman, 2007).

Contudo, com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, buscando fugir de Napoleão Bonaparte, D. João tomou como uma de suas primeiras medidas a fundação da Imprensa Régia, a qual propiciou o surgimento da *Gazeta do Rio de Janeiro*, ainda no mesmo ano, com o intuito de divulgar ações e documentos do Estado (Zilberman, 2007).

De acordo com a historiadora Mary Del Priore, foi em 1832, quando Baptiste-Louis Garnier desembarcou na Corte, que o cenário para a imprensa se intensificou no país. Para a autora, Garnier

[...] trazia na bagagem a ideia de um novo e ambicioso comércio jornalístico, assim como a de constituição de um mercado editorial. Foi o primeiro a contratar redatores, revisores e tradutores pagos e a lançar clássicos do Barroco

e do Arcadismo em língua portuguesa. Foi, igualmente, pioneiro em manter o preço de capa fixo, e mais importante, em mirar um público-alvo, um público leitor (Del Priore, 2016, p. 267).

Assim, Garnier funda o *Jornal das Famílias*, contrata Machado de Assis como colaborador, investe na tradução e publicação de grandes nomes como Oscar Wilde, Dickens e Alexandre Dumas, além de ser presidente da Livraria Garnier, que não era apenas uma livraria, mas tornou-se ponto de encontro de grandes intelectuais (Del Priore, 2016).

Isso aponta para a grande influência que a França e a Inglaterra exerciam sobre o Brasil no século XIX, influência essa que ia desde os costumes do dia a dia, como o modo de se portar em uma mesa<sup>2</sup>, o que vestir, até o que ler e escrever, portanto, a literatura que circulava no país.

Nadaf (2002) contextualiza que a literatura brasileira era quase que completamente inspirada na francesa, pois havia uma concepção generalizada de que a única nação realmente civilizada no mundo ocidental era a França. Dessa forma,

[...] na década de 1840, da difusão inicial do folhetim, o país já expressava firmemente, através da restrita elite intelectual e política, a sua busca pela construção de um Estado Nacional, mas dava sequência ainda a esse processo de europeização. Com o restabelecimento da ordem político-social decorrente da Maioridade, efetuou-se um retorno a práticas sociais e culturais imitadas do modelo francês, destacando-se entre elas a *flânerie*, teatros, cafés, saraus, leitura de livros estrangeiros, bem como a procura demasiada pelos artigos franceses, como os tecidos, porcelanas, perfumes, chapéus, móveis, e os livros, vendidos nos requintados comércios das ruas do Ouvidor e do Ourives (Nadaf, 2002, p. 42).

Assim, com a crença de que a França era o padrão civilizado que precisava ser atingido, não foi difícil introduzir nos jornais e no costume do povo brasileiro a leitura do folhetim, que surgiu em território francês, na década de 1830, “[...] inventado pelo jornal e para o jornal” (Meyer, 1996, p. 30).

Desta forma, visto que, no século XIX, o jornal era “[...] por excelência o lugar do diálogo, do debate, da fofoca e das polêmicas” (Barbosa, 2007, p. 18), sendo o principal

---

<sup>2</sup> A historiadora Lilia Moritz Schwarcz explica que circulava, principalmente na Corte, no Rio de Janeiro, manuais de bons costumes que continham normas e regras de como se portar, falar, comer *etc.* para ser considerada uma pessoa cortês e digna de circular nos bailes e livrarias, portanto, capaz de fazer parte da elite cultural do século XIX (Schwarcz, 1998).

veículo de informação e de textos, não era de se espantar que ele se tornasse uma fonte importante para pesquisas nas diferentes áreas das ciências humanas.

No caso específico da literatura, o jornal ganha um valor e importância peculiar, pois serviu para difusão e consolidação da nossa literatura no século XIX. Foi ele, o jornal, que deu espaço para que se tornasse possível a profissionalização do trabalho intelectual no país. Graças às suas páginas, ao espaço que esse suporte dedicava ao pensamento, foi possível ir se criando um ambiente literário aqui (Farias, 2016, p. 19).

Logo, os jornais se tornaram espaço de “experimento” onde vários gêneros surgiram e se consolidaram, em que várias personalidades publicavam, desde autores já consagrados, como Machado de Assis e José de Alencar, até leitores anônimos que colaboravam a convite dos próprios periódicos. Dessa forma, é perceptível que a imprensa foi fundamental no processo de construção de uma sociedade letrada e literária, como afirma Farias:

Há opiniões que veem no jornalismo a gênese da literatura brasileira, além de dar ânimo e proteção a ela, como afirmou Sylvio Romero. Enfatiza o crítico que o jornalismo serviu também para consolidar as nossas letras, propiciando a elas um público e, ao público, a oportunidade de uma leitura cotidiana, permitindo-lhe que tivesse contato com muitos gêneros, dado a multiplicidade deles presentes nos periódicos (Farias, 2016, p. 35).

Desta maneira, é perceptível a importância da imprensa no Brasil oitocentista, fundamental para a aproximação do público com a literatura, seja produzida no país ou traduzida da França e da Inglaterra. Entretanto, ainda que os jornais fossem o meio de divulgação, informação e entretenimento dos brasileiros no século XIX, a circulação dos periódicos e o acesso a eles era maior em algumas províncias do que em outras.

### **Circulação dos periódicos no Maranhão**

No período imperial, São Luís, capital da província do Maranhão, possuía bibliotecas, teatros e jornais, portanto, tratava-se de um local de diferentes possibilidades culturais, mas não havia ainda uma instituição de ensino superior. Logo, para se obter formação acadêmica, era preciso viajar para Salvador, Rio de Janeiro, São

Paulo e Olinda (Gomes, 2022). Isso significa que, apesar de ilustres homens e mulheres letrados que existiam na província maranhense, havia poucos com titulação formal.

Como não havia faculdade no Maranhão, as famílias mais abastadas tinham o hábito de mandar para Portugal suas filhas e para Inglaterra e França seus filhos, de forma que se tornasse possível cultivar um ambiente com costumes europeus (Resende, 2007).

Ainda assim, alguns nomes, como o de Maria Firmina dos Reis, se sobressaem na história maranhense, pela dedicação aos estudos e ao trabalho intelectual, ainda que de forma autodidata, conseguindo espaço e reconhecimento. Era comum que os escritores no Maranhão recorressem às tipografias dos jornais a fim de publicarem suas obras, e, assim, as tipografias anunciavam os títulos e as resenhas dos livros, adotando peculiar sistema de subscrição (Gomes, 2022). Acredito, inclusive, que a publicação do romance *Úrsula* tenha ocorrido de forma semelhante.

O Maranhão era considerado um dos principais centros editoriais do Brasil, principalmente a capital, São Luís, onde muitos jornais renomados tiveram êxito; inclusive, a província se igualava à de Pernambuco no tocante aos trabalhos tipográficos, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro, que, afinal, era a corte imperial (Gomes, 2022).

A imprensa tipográfica maranhense surgiu em 1821, em meio à agitação política da Revolução do Porto<sup>3</sup>. A primeira tipografia apareceu sob o nome de Tipografia Nacional Maranhense, controlada pela administração provincial. A finalidade dessa tipografia era imprimir as publicações oficiais da província e opúsculos de natureza didática. Entretanto, em seus prelos também se deu a impressão do primeiro jornal da província, o *Conciliador do Maranhão*. Este, antes de ser impresso, teve trinta e quatro números circulados escritos à mão (Souza, 2020, p. 82).

Ademais, como já mencionado, o Maranhão também possuía teatros, bibliotecas e era frequente a reunião de intelectuais em saraus, de forma que alguns desses homens de letras se reuniram e formaram o Grupo Maranhense<sup>4</sup>, cujo intento era transformar a

---

<sup>3</sup> Foi um movimento liberal que explodiu em 24 de agosto de 1820, no Porto, que defendia a formação de uma monarquia constitucional e exigia a volta de D. João VI para Portugal.

<sup>4</sup> O Grupo era formado, entre outros, por Odorico Mendes, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa e Francisco Sotero dos Reis (SOUZA, 2020).

capital da província, São Luís, na Atenas Brasileira, portanto, em um espaço central para a cultura e o debate.

Os intelectuais que circulavam na imprensa e nos saraus realizados em São Luís, já imbuídos dos costumes europeus, buscavam representar uma civilização na cidade, mostrar o *locus* de cultura que a capital da província se tornara ou viria a se tornar, entretanto, tal ideal não passava de um discurso.

O historiador Rafael Resende (2007, p. 20) afirma, com todas as letras, que “[...] a consolidação da ‘Atenas Brasileira’ foi um processo essencialmente historiográfico, produto da escrita de sujeitos históricos do século XIX e de sua forma de pensamento”. Portanto, não teve a relevância almejada.

Ainda assim, é importante mencionar tal grupo e o objetivo que esses intelectuais tinham, pois, a imprensa teve papel importante durante esse processo, já que era por meio dela que a arte, a cultura e as informações circulavam.

Segundo Zin (2019), os periódicos que circulavam no Maranhão traziam temas muito diversos e começaram a desempenhar um papel no desenvolvimento político e cultural da província, principalmente em São Luís, já que exerciam grande influência sobre a opinião pública. Nos oitocentos, o Maranhão passou uma fase agitada e próspera no jornalismo, pois muitos foram os jornais e as revistas que circularam.

O pesquisador acrescenta que

[...] é interessante observar que as linhas editoriais desses periódicos iniciais, tomadas por um forte viés político, acabaram influenciando e sendo reproduzidas nos demais órgãos da imprensa literária maranhense, principalmente no que diz respeito ao orgulho patriótico e ao objetivo de se transmitir educação e cultura aos cidadãos, através de um conjunto abundante de artigos que difundiam informações acerca do cultivo das belas-letas e das artes em geral, dedicando-se, ao mesmo tempo, às novidades tecnológicas e científicas, em âmbito nacional e internacional, sempre com a preocupação de estimular o debate intelectual acerca das realidades política, econômica e cultural do Maranhão e do Império, como um todo. Além disso, nesses periódicos, havia uma proposta de se estabelecer uma escrita que fosse feita de forma simples, acessível e envolvente, mas sem banalizar os conteúdos apresentados, com o intuito de angariar cada vez mais novos leitores (Zin, 2019, p. 35).

Portanto, o jornalismo no Maranhão era diverso e frutífero, buscava discutir sobre a realidade socioeconômica e, ainda assim, apresentar arte para o público, de uma forma que fosse acessível e pudesse atrair cada vez mais leitores e colaboradores interessados.

Inclusive, duas figuras de grande destaque na imprensa maranhense foram João Francisco Lisboa e Francisco Sotero dos Reis, ambos pertencentes ao Grupo Maranhense, que contribuíram para a consolidação da opinião pública e para o fortalecimento da atividade letrada na província. Ambos foram autodidatas, devido às questões já expostas neste trabalho, mas, juntos, foram responsáveis por criar vários periódicos participantes do processo de efervescência cultural maranhense (Zin, 2019).

Alguns pesquisadores sugerem que Sotero dos Reis, tal qual o sobrenome sugere, pode ter sido primo de Maria Firmina dos Reis, mas não se tem materialidade suficiente para comprovar tal afirmação (Zin, 2019), ainda assim, sendo ou não parente de Firmina, há dúvidas quanto ao auxílio que ele possa ter dado à possível prima.

Zin (2019), ancorado nos estudos de Lobo (2011), aponta que a pesquisadora acredita que pouco Sotero dos Reis poderia ter ajudado Firmina a trilhar caminho na imprensa, mesmo que ele fosse bastante influente. Entretanto, Souza (2020) expõe que a relação entre Sotero dos Reis e Maria Firmina teria sido fundamental para o ingresso da autora na imprensa, pois Sotero dos Reis era um dos redatores da Tipografia do Progresso, gráfica essa responsável pela impressão do romance *Úrsula*.

De toda forma, auxiliando ou não a possível prima, Zin (2019) afirma que Sotero dos Reis foi fundamental para o ingresso de várias mulheres na imprensa, já que fundou uma série de jornais que circulavam no período.

### **Trajetória de Firmina na Imprensa**

Maria Firmina dos Reis, como já mencionado, foi destaque na Imprensa maranhense, inclusive, tendo reconhecimento em vida pelas suas produções, que foram publicadas em diferentes jornais, de forma que, além de escrever para eles, também teve seu romance, *Úrsula* (1859), divulgado e resenhado por alguns periódicos, como o *Jornal do Comércio* e *A verdadeira Marmota*.

Em 4 de agosto de 1860, o *Jornal do Comércio* fez um pequeno comentário acerca de *Úrsula*, convidando os leitores a comprar e ler o livro que estaria disposto na

Tipografia do Progresso, contudo, acrescenta que Firmina poderia melhorar sua escrita e publicar outros “belos volumes”, pois algumas cenas do romance não foram bem desenvolvidas (Morais Filho, 1975).

Em contrapartida, *A verdadeira Marmota* (1861) defende que o romance *Úrsula* é uma obra de muito mérito, que precisa ser festejada e lida, pois traz descrições naturais e poéticas, com um enredo muito bem amarrado e capaz de reter toda a atenção do leitor (Morais Filho, 1975).

Além de ter sido criticada por alguns periódicos e elogiada por outros, como nos casos expostos acima, Firmina também recebeu agradecimentos dos jornais nos quais colaborou. O *Jardim das Maranhenses* (1861-1862), no dia 13 de janeiro de 1862, em sua vigésima nona edição, publica um artigo comemorando a entrada no novo ano e agradecendo aos assinantes que possibilitaram a existência do periódico, além de se desculpar pelas faltas e de rogar para que continuem oferecendo apoio financeiro.

Neste artigo, há ainda o seguinte acréscimo por parte do editor<sup>5</sup>:

Concluindo este pequeno artigo, não podemos deixar de agradecer a todas as pessoas que, com suas belas produções literárias, honraram as páginas do nosso acanhado jornal; muito especialmente a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis. Francas estão as páginas do *Jardim* a quem quiser honrá-las com seus escritos, uma vez que estes estejam compreendidos nas raias da decência. (O Jardim das Maranhenses, 1862).

Desta forma, o jornal agradece aos colaboradores e estende o convite de colaboração aos demais leitores que queiram publicar em suas páginas, mas ressalta a contribuição de Maria Firmina dos Reis, dirigindo a ela um agradecimento especial, o que demonstra que a autora já gozava de certa importância e reconhecimento; caso não fosse assim, não precisaria ser a única citada pelo jornal.

Porém, tal agradecimento pode ter ocorrido devido ao fato de que foi justamente no *Jardim das Maranhenses* que Firmina estreou na imprensa com o conto *Gupeva* (1861), publicado como *um romance brasiliense*, em formato de folhetim. Suponho que a publicação como um romance, mesmo que não tivesse as características que hoje se

---

<sup>5</sup> Apesar de se tratar de um jornal destinado ao “belo sexo”, portanto, às mulheres, de acordo com o Dicionário ilustrado *Imprensa Feminina e feminista no Brasil (Século XIX)*, Souza (2020) afirma que não havia, no século XIX na província do Maranhão, jornal dirigido e editado por mulheres, mesmo que fossem elas o público-alvo.

atribui ao gênero romanesco, ocorreu porque o termo “literatura” não era bem demarcado, podendo abranger várias tendências do literário, já que os gêneros ainda estavam se formando e/ou se consolidando (Barbosa, 2007).

No dicionário ilustrado *Imprensa feminina e feminista no Brasil (século XIX)*, a pesquisadora Constância Lima Duarte faz a seguinte descrição do *Jardim das Maranhenses*:

Surgiu em São Luiz, em 1861. Não é possível precisar a periodicidade, nem a data de lançamento, porque as edições encontradas são do número 13 em diante. Com quatro páginas [...] Dedicado à literatura, aceitava a colaboração das leitoras (Duarte, 2017, p. 152).

Não foi apenas no *Jardim das Maranhenses* que Maria Firmina colaborou; também contribuiu com os jornais *Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense* (1867-1868), *O Domingo* (1872-1874), *O País* (1863-1864), *Federalista* e *Pacotilha* (1880-1890) (Duarte, 2017). Além desses, sabemos também de outros periódicos: *Eco da Juventude* (1864-1865) e *Porto Livre* (1861-1865), por exemplo.

A autora publicou *Gupeva* em três periódicos diferentes: a primeira vez foi em 1861 no *Jardim das Maranhenses*, mencionado anteriormente; em seguida, no ano de 1863, o conto foi impresso no jornal *Porto Livre*; e, finalmente, a versão “definitiva” sai em 1865, no *Eco da Juventude*.

Com relação aos periódicos que publicaram *Gupeva*, Souza (2020) explica que eram de caráter político e literário; o *Porto Livre*, porém, também era noticioso e comercial. A pesquisadora complementa que,

[...] no *Porto Livre*, o conto indianista circulou completo de 9 de fevereiro a 21 de maio de 1863 no corpo do jornal. O primeiro capítulo só foi noticiado como *Gupeva romance brasiliense*, sem menção à autora, entretanto, o nome de Maria Firmina dos Reis foi escrito após o final da história. Em nenhum momento o jornal em questão transmite sua opinião sobre a respectiva obra de Maria Firmina dos Reis, apenas a transcreve. Mesmo não realizando uma análise crítica da obra, o fato de *Gupeva* ter sido transcrito em tão pouco tempo desde a sua estreia em o *Jardim das maranhenses* mostra que o conto pode ter sido recebido com relativo sucesso pela sociedade maranhense oitocentista (Souza, 2020, p. 105).

O jornal *Eco da Juventude*, por sua vez, circulou nos anos de 1864 e 1865, contando com vinte e quatro números e abordando temas variados como literatura, filosofia, história e religião, com o intento de “[...] promover o acesso à instrução pública para

todos os cidadãos da província” (Zin, 2019, p. 36). Essa informação vai ao encontro da afirmação de que o jornal assumia um papel de educador, devido à escassez de escolas e livrarias no oitocentos (Barbosa, 2007).

Ainda sobre o *Eco da Juventude*, Zin (2019) acrescenta que foi nesse jornal que Firmina publicou alguns dos seus poemas e a versão final de seu conto *Gupeva*, que foi impresso nos números 14 a 17.

Apesar de a história se desenvolver em torno da mesma temática, o indianismo e a miscigenação, ainda que tal termo seja recente, utilizando como costura um romance impossível entre uma nativa brasileira e um branco francês, as versões nos jornais apresentam algumas distinções. Zin (2019) afirma que as publicações contêm ligeiras modificações na forma, mas não apresentam alterações significativas no que diz ao conteúdo, mantendo a ideia da autora.

Acredito que as mudanças que ocorreram entre a primeira e a segunda publicação podem ter ocorrido devido ao amadurecimento da autora, visto que há um intervalo de dois anos entre uma e outra, ou para se encaixar no escopo do periódico, conforme feito na última publicação.

É possível afirmar que as alterações realizadas na versão final de *Gupeva* ocorreram por exigência do próprio periódico, o *Eco da Juventude*, que antes de publicar o romance-folhetim, apresenta a seguinte explicação:

Começamos hoje a estampar o romance Gupeva, trabalho da talentosa maranhense, Maria Firmina dos Reis, cuja tenacidade nos labores literários e amor ao estudo são bem conhecidos do público. Essa composição ligeira, porém, onde revela-se o talento de sua hábil autora foi-nos ofertada por a mesma, que cuidadosamente a corrigiu para ser publicada neste jornal (*Eco da Juventude*, 1865).

Assim, para que o texto fosse publicado em mais de um periódico, ele deveria corresponder ao que o jornal gostaria ou poderia publicar. Logo, Firmina oferta o material para a circulação no *Eco da Juventude*, mas faz as correções necessárias para que a publicação de seu romance-folhetim de fato se concretizasse.

Era comum, no século XIX, que os autores reformulassem seus textos para se encaixar na linha editorial de determinado jornal, seja por exigência dos editores do próprio periódico ou até de leitores que enviavam suas cartas e reclamações para

tipografia, como é o caso de Machado de Assis, cuja crítica de um leitor, enviada ao *Jornal das Famílias*, ao conto *Confissões de uma viúva moça*, pode ter provocado uma mudança no desenrolar da narrativa (Silveira, 2011).

No que diz respeito a outros trabalhos da autora em jornais do século XIX, Zin (2019) acrescenta como as publicações de Maria Firmina eram variadas e apresentadas a distintos periódicos.

Além do *Eco da Juventude*, a jovem escritora se fez conhecer, entre outros jornais, através das páginas do *Semanário Maranhense*, que também mantinha uma linha editorial acentuadamente voltada para o cultivo da literatura e da cultura locais, dando ênfase a temas como o patriotismo e o orgulho nacional, colocando à disposição de seus leitores um conjunto de artigos e peças literárias bastante diversificado, que variava entre poemas, contos, crônicas, novelas, artigos de interesse historiográfico e econômico e, por vezes, preleções de autoridades públicas (Zin, 2019, p. 37).

Revelando que Firmina era uma autora multifacetada, que produzia textos em formatos e gêneros diferentes e tinha reconhecimento, não é de se espantar com o fato de ela ter colaborado em tantos periódicos. Inclusive, Zin (2019) afirma que a colaboração da autora em distintos periódicos revela uma certa abertura da imprensa maranhense para intelectuais mulheres.

Além disso, é possível inferir que havia várias linhas editoriais, que possibilitavam que os jornais não só discutissem temas variados como oferecessem espaços para um público mais amplo colaborar, de forma que um jornal, raras vezes, estava destinado apenas a um campo específico do conhecimento, abrangendo, por exemplo, literatura, política, teatro *etc.*, sendo uma reunião de textos e, portanto, um caos organizado (Barbosa, 2007).

Posto isso, após grandes contribuições de Firmina na década de 1860, com a publicação de contos, poemas, charadas e crônicas, nas décadas seguintes há uma redução significativa nas produções da autora. Souza (2020) acredita que pode ter sido devido à prisão e morte de Belarmino de Matos, dono da tipografia que produzia grande parte dos jornais nos quais ela colaborava.

Entretanto, antes desta significativa redução na produção literária, a contribuição de Firmina foi vasta, inclusive, publicando poemas com dedicatória para a mãe, para amigos e até a pedidos, como constatei na edição de *O Jardim das Maranhenses*,

publicado em 13 de outubro de 1861; na mesma edição, a autora publica o primeiro capítulo de *Gupeva* e o poema *Não me acreditas!*.

Outro jornal que publicou uma série de poemas de Maria Firmina dos Reis foi *A verdadeira Marmota*, conforme são apresentados na reunião de textos e documentos da autora, por Nascimento Morais Filho (1975), cuja predominância temática é o amor, o que não é de se espantar visto que *Úrsula* e *Gupeva* também são obras de cunho romântico.

Ademais, Firmina contribuiu com Charadas, meditações e poemas com temáticas variadas, como *O canto do Tupi*, cujo eu-lírico é um guerreiro indígena exaltando sua ancestralidade e parentesco com a selva (Morais Filho, 1975).

Portanto, a passagem de Maria Firmina dos Reis por diferentes periódicos e com publicações de vários gêneros evidencia realmente que a autora não só produzia em demasia, como era aceita, tinha seus textos em circulação e reforça o que foi afirmado por Zin (2019), e já mencionado, acerca da abertura da imprensa para as mulheres.

Após redução de sua produção, nos anos de 1880, há, ainda, uma importante publicação de Maria Firmina que merece ser mencionada, *A escrava* (1887), conto que pode ser enquadrado como abolicionista, diferenciando-se do romance *Úrsula*, que, mesmo trazendo uma narrativa antiescravista, foi publicado em uma década na qual o movimento abolicionista ainda não havia se consolidado realmente.

O conto *A escrava* foi publicado na *Revista Maranhense*, na edição nº 3, em novembro de 1887, contudo, não é possível acessar atualmente tal revista, nem nas bibliotecas do Maranhão, tampouco na hemeroteca digital. O único contato que se tem e que comprova a publicação do conto no periódico é por meio da publicação da primeira página da revista na biografia *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, escrita e publicada em 1975, por Nascimento Morais Filho.

Figura 1: Primeira página do número 3 da Revista Maranhense



Fonte: Reis (1975).

Destarte, Souza (2020) apresenta as seguintes informações sobre a publicação do conto *A escrava*:

O conto foi publicado pela *Revista Maranhense*, sob a redação e direção de Augusto Brito. Sobre a narrativa, apresentava um discurso contrário à escravidão, mas que em sua essência divergia do discurso encontrado em *Úrsula*. Enquanto no último o argumento foi embasado no discurso de que todos são irmãos perante a Deus, em *A escrava* a discussão girou em torno do progresso, ou seja, a escravidão impediria o progresso da nação (Souza, 2020, p. 112).

Dessa forma, é perceptível que, ao longo do caminhar de Maria Firmina na Imprensa maranhense, suas narrativas foram mudando, talvez para se adequar ao periódico em que publicava, visto que, em *Úrsula*, por ter sido um romance escrito de forma independente, traz uma crítica ferrenha à escravidão enquanto algo imoral e anticristão, ao passo que, em *A escrava*, o foco é o progresso da nação, temática essa muito discutida em jornais liberais do século XIX (Duarte, 2017).

Posto isso, fica evidente que a trajetória de Maria Firmina dos Reis na imprensa foi construída devido ao fato da autora ter transitado em vários periódicos durante alguns anos, podendo contribuir com publicações de gêneros diferentes e ser uma autora de vasta obra.

### **Considerações finais**

O presente estudo abordou a relação existente entre os jornais e a literatura, visto que, no século XIX, não havia possibilidade de escritos literários fecundos sem a contribuição dos periódicos, tanto no que diz respeito à publicação de textos ficcionais e traduções, como na divulgação desses materiais, portanto, na circulação, comentários e crítica das obras.

Ademais, o trabalho pôde contextualizar brevemente o funcionamento dos impressos na província do Maranhão oitocentista e também apresentar mais informações a respeito da trajetória e da vasta obra de Maria Firmina dos Reis, considerando a sua contribuição na imprensa maranhense durante o século XIX.

Desta forma, deixamos transparecer a concordância com o que diz Zilberman (2007) acerca da capacidade dos jornais em suscitar formas originais de invenção literária, sendo um suporte indispensável para se entender e se estudar a literatura. Afinal, em se tratando da autora pesquisada, ela não só publicou textos de diferentes gêneros como teve seu romance sendo analisado e divulgado por jornais da época.

Por fim, além de reafirmar a importância dos jornais para o estudo da literatura, espero que este trabalho possa contribuir com novas pesquisas acerca das produções de Maria Firmina dos Reis, permitindo explorar outros textos da autora além do conhecido romance *Úrsula*, ainda que o que esteja aqui seja apenas uma fração do “todo” que ainda precisa ser visto e pesquisado sobre a escritora.

## Referências

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira: volume 2: Império**. São Paulo: LeYa, 2016.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2017.

**Echo da Juventude**: publicação dedicada à literatura. São Luís. 1861-1865. Disponível em:  
[http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc\\_bpbl/acervo\\_digital/arq\\_ad/2015062511808.pdf](http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/2015062511808.pdf). Acesso em: 15 out. 2023.

FARIAS, Virna L. Cunha de. **Machado de Assis na imprensa do século XIX: práticas, leitores e leituras**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FARIAS, Tom. **Escritos negros: crítica e jornalismo literário**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica (vol. 1: Precursores)**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 111-126.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé de miscelâneas: o folhetim nos jornais do Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

**O Jardim das Maranhenses**. São Luís. 1861-1862. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=761265&pagfis=21>. Acesso em: 15 out. 2023.

RESENDE, Rafael Serra. **“Atenas Brasileira”**: representações sobre o mito (1840-1880). Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Manuais de bons costumes: ou a arte de bem civilizar-se. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 195-205.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. O ofício de contar histórias: a organização da coletânea Contos Fluminenses por Machado de Assis. **História**, São Paulo, v. 30, p. 214-238, 2011.

SOUZA, Natália Lopes de. **Uma senhora maranhense que cultivava as belas letras: Maria Firmina dos Reis e sua trajetória na imprensa (1860 - 1911)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2020.

ZILBERMAN, Regina. O jornal e a vida literária brasileira. *In*: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. p. 11-13.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

Recebido em 27/04/2023.

Aprovado em 24/03/2024.